

GALERIA DA BOAVISTA

22.06–17.09.2023

HAVEN

James Newitt

curadoria
Mattia Tosti

GALERIAS MUNICIPAIS – GALERIA DA BOAVISTA
Rua da Boavista 50, 1200-066 Lisboa

Todos os dias 10h-13h e 14h-18h
Entrada Livre

Visitas guiadas por marcação
mediacao@galeriasmunicipais.pt

www.galeriasmunicipais.pt

1

HAVEN (archive), 2023

Livros, documentos, correspondência
eletrônica, dimensões variáveis
Cortesia do artista

2

HAVEN (archive), 2023

Impressões sobre Coton Fineart, dimensões
variáveis
Cortesia do artista

3

Untitled (tower), 2023

Impressão em Premium Luster, 50 x 50 cm
Cortesia do artista

4

Untitled (fire), 2022

Impressão em Premium Luster, 50 x 50 cm
Cortesia do artista

5

Lapse, 2023

Vídeo, p/b, som estéreo, loop
Desenho de estrutura: Cosebelle/ Allegra
Zanirato
Cortesia do artista

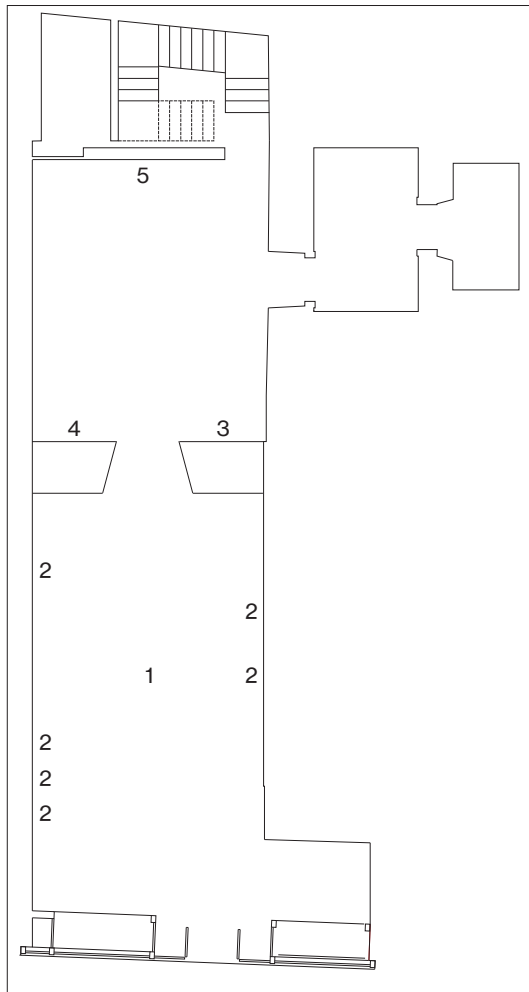
6

HAVEN, 2023

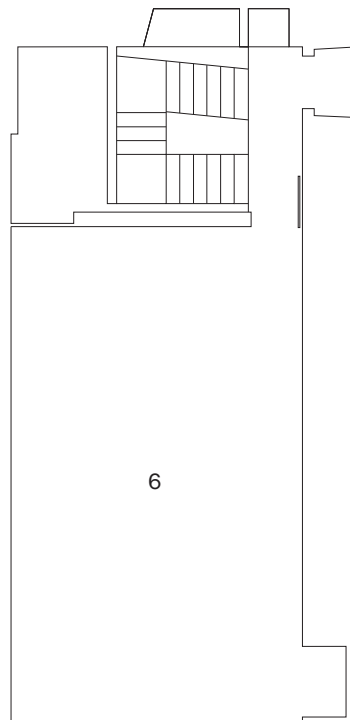
Instalação vídeo, 3 canais, 5.1 surround sound,
34'40"

Sonoplastia e mistura: João Polido
Animação 3D: Arif Ashraf; Animação
adicional: James Newitt
Atores voz: Nina Stratford e Brian Caspe
Cortesia do artista

piso 0



piso 1



HAVEN é uma reformulação crítica e poética da história bizarra de Sealand, uma pequena micronação não reconhecida constituída por um forte naval abandonado da Segunda Guerra Mundial, no Mar do Norte. Esta encontra-se ocupada desde a década de 1960 por uma família britânica, que reivindica aquele território artificial como estado soberano e independente. Originalmente com a intenção de utilizar a plataforma para transmissões de rádio pirata, no início da década de 2000, a família colaborou com dois ciberlibertários para estabelecer o primeiro paraíso de *data haven* – aquilo que descreveram como «internet pirata». O *data haven* prometia ser um refúgio para dados não regulados – o único lugar verdadeiramente seguro no mundo para guardar informação. HAVEN explora a torre como local paradoxal na medida em que esta promove a soberania e a autonomia e é, simultaneamente, inacessível, exposta às intempéries e controlada por uma unidade familiar fechada e isolada.

A abordagem narrativa de HAVEN especula sobre a rutura que ocorreu entre a família e os fundadores do *data haven*. Além disso, analisa outras utopias e empreendimentos neoliberais contemporâneos, como o projeto libertário Seasteading, que visa construir comunidades flutuantes descritas como «países *startup*», cada um deles com um sistema social, político e jurídico específico, e o projeto Natick da Microsoft, o primeiro centro de dados submarino do mundo, uma tentativa de migrar eventualmente a *cloud* para o fundo do mar. HAVEN incorpora estas referências contemporâneas para questionar as possibilidades que o mar oferece para a criação de lugares utópicos e extraterritoriais – espaços para lá do domínio dos estados cujas jurisdições são inexistentes ou, pelo menos, ambíguas – ao mesmo tempo que analisa criticamente as ideologias frequentemente capitalistas e colonialistas subjacentes a estes empreendimentos.

A primeira parte da exposição funciona como um arquivo heterogéneo, no qual a informação extraída do processo de pesquisa do projeto HAVEN se materializa e torna visível sob diversos aspetos. Imediatamente depois de entrar no espaço encontramos, distribuída por duas vitrinas, uma coleção de vestígios documentais que circum-navegam o contexto geral do projeto, contextualizam a história desta micronação flutuante e criam ligações com outros projetos

utópicos que partilham uma fantasia libertária na procura de espaços desabitados onde seja possível “recomeçar”. Juntamente com estes livros, desenhos e outras fontes primárias, encontramos também um conjunto de e-mails sem resposta que o artista escreveu ao criador do *data haven* de Sealand, Ryan Lackey. Esta correspondência unidirecional aborda tópicos relacionados com o futuro aquático da tecnologia, bem como o empreendimento fracassado – mas premonitório – de deslocar a *Cloud* para o mar alto (*off-shore*). Outros indícios presentes nesta sala, contudo, não têm a mesma função de validar as ligações do projeto com a “realidade”, pretendendo, pelo contrário, estimular uma forma de incerteza perante este corpo de informação e revelar a natureza fluida e especulativa deste projeto documental. É o caso da série de fotografias de família apresentada junto das vitrinas. Estas imagens apresentam ao visitante as personagens principais desta história extraordinária: uma família proveniente do Sul de Inglaterra que reivindicou a plataforma ferrugenta no meio do Mar do Norte como o seu principado e, durante décadas, suportou as condições de vida difíceis daquela ilha artificial, mantendo com persistência as suas pretensões à independência com uma energia inigualável à de quase todas as outras micronações. Partindo do estatuto ambíguo destas imagens de arquivo – que se encontram num lugar híbrido entre o público e o privado – e inspirado pela biografia invulgar das personagens, Newitt utiliza um gesto simples de apagamento para dar ênfase à privacidade, e pirataria, dos indivíduos retratados. De um modo semelhante, ainda que menos evidente, as duas fotografias emolduradas da plataforma apresentam memórias fictícias que habitam uma linha cronológica híbrida, onde o passado e o futuro coexistem.

À entrada da segunda parte da galeria inferior, atravessando um corredor que faz lembrar um centro de dados, encontramos um fluxo rápido de imagens a preto e branco que nos permite vislumbrar o território de Sealand e a família, por entre novas fotografias de outras estruturas flutuantes de betão, utópicas ilhas *start-up*, registos do fundo do mar e bastidores de dados. Esta peça, intitulada *Lapse*, marca a transição para um espaço onde testemunhamos uma lógica de arquivo diferente, de algoritmos de pesquisa associativa. Este vídeo resultou, na realidade, do diálogo encetado pelo artista com um motor

de pesquisa, alimentado com imagens-chave do seu arquivo de projeto e produzindo imagens que o algoritmo associou ao mesmo. O que aqui vemos é uma espécie de linha de pensamento digital que processa, expande e deteriora a informação de arquivo presente na sala anterior. Em *Lapse*, Newitt permite que uma interface semiautónoma alargue o horizonte do projeto e o seu arquivo material através da memória infinita e em contínua expansão da Internet.

No segundo espaço da galeria superior encontramos *HAVEN*, uma instalação vídeo em três canais. O filme tem uma natureza dúplice, combinando a lógica e a estética das duas salas do andar de baixo, na medida em que representa parcialmente um relato documental de Sealand e de outras referências de Newitt, ao mesmo tempo que especula, reimagina e anima estes dados através da aplicação de diferentes ferramentas digitais. *HAVEN* começa de acordo com uma ordem vagamente cronológica, que conta a história da torre, mostrando imagens de arquivo de um documentário produzido pela BBC em 1972. O filme serve de introdução a um evento ocorrido em 2002, ano em que a família expulsou Ryan de Sealand e nacionalizou o *data haven*. A partir desse ponto, o filme afasta-se de uma abordagem e estética documentarista e adota um comportamento radicalmente diferente, com Newitt tecendo uma narrativa semificcional utilizando o suporte digital e o seu arquivo para especular sobre o futuro de Sealand e do *data haven*. Uma voz sintetizada de Ryan (*deepfake*) responde finalmente a um dos e-mails de Newitt, e ouvimo-la a falar acerca do seu empreendimento falhado e sobre os dados que deixou para trás. Nos ecrãs vemos imagens que não foram filmadas no local, lentas cenas de renderização 3D que utilizam software para recriar de forma fiel e ocupar os ambientes inacessíveis da plataforma; ou excertos recolhidos da internet com qualidades formais, conceptuais ou texturais associativas utilizados para complementar a história. Vídeos do Youtube de centros de dados, varrimentos de tubagens e cabos submarinos, e imagens a preto e branco de ferrugem e bolor que sugerem a inexorável deterioração da torre e a súbita chegada de uma cheia que simboliza o fim dos sonhos libertários e prepara o terreno para o nascimento de uma nova utopia aquática.